Maclean, o diplomata inglês modelo

Quando deixamos Maclean, ele havia deixado Paris para voltar a Londres no início da Segunda Guerra Mundial. Chegou acompanhado de uma nova esposa e aguardou pacientemente uma nova posição que correspondesse à sua alta posição social. Sua paciência se mostrou recompensadora. Embora ele bebesse cada vez mais e fosse conhecido por suas relações homossexuais, seus vínculos com o "clube de velhos amigos" foram suficientes para que ele conseguisse reerguer-se[220].

Em 1944, Maclean precedeu Philby e Burgess nos Estados Unidos como primeiro-secretário de Lord Halifax na Embaixada Britânica. Em 1946, Lord Inverchapel, que era um dos protetores homossexuais de Burgess e que nutria opiniões claramente pró-soviéticas, substituiu o Embaixador Halifax. Os soviéticos não puderam acreditar na sua boa sorte! A nova posição de Maclean lhe daria (assim como a Stálin) acesso a todos os segredos militares, científicos, políticos e diplomáticos dos Estados Unidos, assim como dos países aliados durante o período crítico do pós-guerra. E Maclean não os desapontou.

Enquanto a Segunda Guerra Mundial chegava ao fim e a Guerra Fria se instalava, Maclean forneceu aos soviéticos todos os planos militares dos Estados Unidos na Europa. Ele revelou, em particular, que as tropas americanas se detiveram a leste do Elba, permitindo assim que os soviéticos chegassem primeiro a Berlim. Transmitiu aos soviéticos todas as comunicações telegráficas entre Churchill e Roosevelt, e depois entre Truman e Churchill. Informou que o VENONA tinha quebrado seu código de guerra e relatou todas as mensagens que haviam sido assim decifradas. Graças a ele, Stálin soube com antecedência quais seriam as posições aliadas nas conferências de Yalta e Potsdam e até onde poderia ir para solicitar concessões territoriais e políticas após a guerra, incluindo a repatriação forçada de milhares de cidadãos e soldados russos que haviam buscado abrigo no Ocidente. Assim, Stálin pôde se dar ao luxo de blefar à vontade em sua caminho para a vitória na Europa pós-guerra, pois sabia, graças a Maclean, que a bomba atômica ainda não fazia parte do arsenal militar dos Estados Unidos.

Em 1947, Maclean foi nomeado representante da Grã-Bretanha no Combined Policy Committee on Atomic Development, com pleno acesso às informações confidenciais da Armed Services and Atomic Energy Commission (AEC), tudo "sem escolta", privilégio que o próprio diretor do FBI (J. Edgar Hoover) foi negado. Mais tarde, ele forneceu aos soviéticos dados sobre as compras americanas de urânio no Canadá e no Congo Belga. Essas informações permitiram que os soviéticos soubessem aproximadamente quantas bombas atômicas os Estados Unidos estavam produzindo[221].

Em 1948, enquanto se preparava para retornar à Grã-Bretanha, Maclean continuou a comunicar aos soviéticos documentos ultra-secretos americanos e aliados, entre os quais os planos para a criação da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), isto é, o pacto de defesa mútua na Europa ao qual doze países se uniram e foi criado em abril de 1949[222].

Quando Maclean retornou ao Foreign Office em Londres, foi nomeado chefe do Departamento Americano, onde continuou a acompanhar de perto as atividades da OTAN em nome da União Soviética. Em 1950, ele participou da formulação da política anglo-americana em relação à Guerra da Coreia. Foi ele quem informou a Stálin que os Estados Unidos haviam decidido não usar armas atômicas, exceto em circunstâncias extremas, informação que se revelou determinante para convencer a China a intervir neste conflito[223].

Quanto ao vazio deixado na inteligência soviética pela partida de Maclean para a Inglaterra, ele logo foi preenchido – como mencionado anteriormente – pela chegada de Philby, e depois de Burgess.

Na primavera de 1951, embora os agentes do FBI e da CIA tivessem informado os serviços de inteligência britânicos de que Maclean era uma toupeira soviética, ele e Burgess conseguiram escapar em direção a Moscou com o assentimento do SIS, que havia recebido ordens neste sentido de Whitehall (o governo), que por sua vez havia recebido um comando direto de Buckingham para não se opor à fuga dos dois traidores, **pois a família real não desejava um escândalo e um julgamento público.**

Philby, que também tinha sido alvo de suspeitas devido à sua longa associação com Burgess e Maclean, conseguiu se manter em seu posto por mais onze anos. Finalmente, em 23 de janeiro de 1963, enquanto estava em serviço em Beirute a serviço do SIS, também lhe foi permitido fugir para Moscou a bordo de um barco com destino a Odessa, no Mar Negro[224].

Blunt foi quem conseguiu se sustentar por mais tempo. Após a defeção de Philby, Youri Modine, o supervisor de Blunt, ofereceu-lhe uma passagem única para uma “vida confortável” no Paraíso Soviético dos Trabalhadores, mas Blunt cortou a conversa dizendo: “Certamente você pode também me garantir acesso total ao Palácio de Versalhes sempre que eu precisar ir lá a trabalho?”[225] Trabalhar para a União Soviética era uma coisa, viver lá era outra. Modin afirmou mais tarde que essa resposta o havia deixado “sem palavras”[226].

Na primavera de 1964, o SIS finalmente prendeu Blunt para submetê-lo a um interrogatório[227]. O governo britânico ofereceu ao espião imunidade em relação a qualquer acusação, sob duas condições: primeiro, que ele tivesse cessado de servir a União Soviética após a Segunda Guerra Mundial; Blunt mentiu e alegou que isso havia ocorrido; em segundo lugar, que ele concordasse em fornecer informações sobre os serviços que havia prestado aos soviéticos, o que ele nunca fez. Além disso, ele nunca expressou qualquer arrependimento por ter traído seu país[228]. Somente após receber a garantia de imunidade é que ele “confessou”. Em seguida, foi submetido a seis anos de longas e exaustivas entrevistas. **Blunt conhecia segredos bastante escuros da família real para estar a salvo de qualquer acusação. Ele recebeu, de fato, permissão para manter seu título e seu cargo como Curador da coleção de arte da Rainha, assim como a direção do Courtauld Institute até sua aposentadoria em 1972.**

O abafamento da “catástrofe Blunt” por Sir Roger Hollis, chefe do MI5, com pelo menos uma aprovação tácita, se não oficial, de Whitehall e da família real consistia, entre outras coisas, em garantir que muitos funcionários do gabinete continuassem ignorando a extensão da traição de Blunt e os danos que ele causou à segurança nacional[229]. Antes de deixar seu cargo em 1965, Hollis ordenou que fossem destruídas as centenas de horas de gravação do testemunho de Blunt e que fossem mantidos apenas relatórios sumários[230]. As severas leis britânicas sobre difamação ajudaram a manter a imprensa afastada de Blunt por algum tempo.

Youri Modine mais tarde expressou a opinião de que a Rainha Elizabeth quis abafar completamente o escândalo devido aos laços estreitos que Blunt tinha com seu pai, o Rei George VI. Segundo ele, ela teria concedido de forma *de facto* uma graça secreta a Blunt[231].

O público foi mantido à parte de toda essa história até 15 de novembro de 1979, quando a Primeira-Ministra Margaret Thatcher falou no Parlamento e confirmou relatórios da imprensa segundo os quais Blunt era o quarto homem do círculo de Cambridge. Um acalorado debate ocorreu em 21 de novembro de 1979. Somente então foi revogada a concessão de nobreza a Blunt. Ele faleceu de um ataque cardíaco em 26 de março de 1983, em sua casa de campo. Tinha setenta e cinco anos e era milionário.

Burgess, seu amigo mais próximo, teve tempos mais difíceis em Moscou.

Certa noite, enquanto Burgess vagava pelas ruas da cidade, vestido com seu tweed inglês à procura de prostitutas masculinas, ele perdeu "metade de seus dentes depois de ser espancado por um *stiliagui* soviético ansioso para mostrar ao rico *Angliski* o que homens de verdade fazem com *zvolotchi* como ele"[232]. Finalmente, os soviéticos forneceram a Burgess um amante fixo, mas isso não pareceu aliviar sua saudade de casa. Ele morreu de uma doença no fígado em 19 de agosto de 1963. Seu irmão mais jovem, Nigel, voou para Moscou para assistir ao funeral e retornou à Inglaterra com uma urna contendo as cinzas de Guy, que ele espalhou perto da igreja de St. John the Evangelist, em Hampshire, Inglaterra, onde se encontrava o jazigo da família[233].

Em 6 de março de 1983, Donald Maclean morreu de um ataque cardíaco em seu apartamento em Moscou. Ele tinha sessenta e nove anos. Maclean, o mais ideologicamente motivado dos espiões de Cambridge, também sentiu saudade de casa. Assim como Burgess, ele foi cremado, e suas cinzas foram trazidas de volta à Inglaterra para serem enterradas.

Philby teve um pouco mais de sorte em seu país de adoção. Assim como Burgess e Maclean, ele recebeu uma pensão vitalícia. O KGB o ajudou em seus escritos sobre o ofício de espião e lhe atribuiu um papel menor na inteligência. Em 1970, após um período doloroso marcado por alcoolismo, depressão nervosa e uma tentativa de suicídio, ele conheceu e depois casou-se com Rufina, sua quarta esposa, que estava ao seu lado quando ele morreu, em 11 de maio de 1988. Durante seu funeral no cemitério de Kuntsevo, a oeste de Moscou, que tradicionalmente era reservado para generais, seu caixão foi saudado por um destacamento de guardas do KGB, embora, como observa Modine, e ao contrário do que se dizia no Ocidente, Philby nunca foi promovido ao posto de general do KGB[234].

Revision #2
Created 18 December 2024 22:07:34 by Admin

Updated 20 December 2024 18:36:59 by Admin